

Reflexões sobre juventudes e música na periferia: A trajetória e a perspectiva de um jovem rapper da cena de Natal-RN

MODALIDADE: COMUNICAÇÃO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA/TCC

SUBÁREA: EDUCAÇÃO MUSICAL

Ana Clara da Silva Ponciano
Universidade Federal do Rio Grande do Norte
claraponciano9@gmail.com

Mário André Wanderley Oliveira
Universidade Federal do Rio Grande do Norte
mario.andre@ufrn.br

Resumo. Nesta comunicação são apresentados resultados de um estudo sobre juventudes periféricas a partir de suas relações com movimentos artístico-culturais. Trata-se de um Trabalho de Conclusão de Curso que tomou como objeto de estudo a perspectiva de um jovem da cena hip-hop natalense, a fim de compreender o papel da música no processo de construção de sua identidade sociopolítica e cultural. A pesquisa teve abordagem qualitativa, configurando-se como um estudo de caso com a adoção de duas técnicas de coleta de dados: levantamento documental e entrevistas semiestruturadas. Os resultados evidenciam uma forte inter-relação entre o engajamento do colaborador com o hip-hop e sua formação sociopolítica e cultural, indicando uma indissociabilidade entre a formação musical no âmbito desse movimento e outros aspectos da formação geral do colaborador. É esperado que este estudo contribua com a produção de conhecimento sobre hip-hop no âmbito da música, bem como com políticas institucionais que contemplem esse movimento em contextos formais de ensino de música.

Palavras-chave. Juventude; Hip-Hop; Formação sociopolítica.

REFLECTIONS ON YOUTH AND MUSIC IN THE PERIPHERY: The Trajectory and Perspective of a Young Rapper from the Natal-RN Scene

Abstract. This communication presents the results of a study on peripheral youths based on their relationships with artistic-cultural movements. This is a Course Conclusion Work that took as its object of study the perspective of a young man from the Natal hip-hop scene, in order to understand the role of music in the process of building his sociopolitical and cultural identity. The research has a qualitative approach, configuring itself as a case study with the adoption of two data collection techniques: documental survey and semi-structured interviews. The results show a strong interrelationship between the collaborator's engagement with hip-hop and his sociopolitical and cultural formation, indicating an inseparability between the musical formation within this movement and other aspects of the collaborator's general formation. It is expected that this study will contribute to the production of knowledge about hip-hop in the field of music, as well as to institutional policies that address this movement in formal contexts of music teaching.

Keywords. Youth; Hip-Hop; Sociopolitical formation.

Introdução

Nesta comunicação são apresentados resultados de um estudo sobre juventudes periféricas a partir de suas relações com movimentos artístico-culturais. Trata-se de um Trabalho de Conclusão de Curso que tomou como objeto de estudo a perspectiva de um jovem da cena hip-hop natalense, a fim de compreender o papel da música no processo de construção de sua identidade sociopolítica e cultural.

As juventudes configuram uma importante parcela da população brasileira e falar delas compreende um amplo universo, acionando relevantes campos de estudo que se dedicam a pensar a realidade destas e seus lugares dentro da sociedade. São esses jovens que enfrentam inúmeros desafios no mundo contemporâneo, que perpassam desde o preconceito geracional até a invisibilidade e negação de direitos e oportunidades a esse público.

Apesar de constantemente ser compreendida como um grupo homogêneo, somente o termo “juventudes”, escrito no plural, dá conta de manifestar sua natureza múltipla nos modos de ser e estar no mundo. Muitas são as questões que atravessam a condição juvenil, e pensá-la tendo como pano de fundo a periferia é assumir um recorte que implica na discussão sobre a vivência dentro dessas comunidades, pensando em contextos de vulnerabilidade e nos agravantes sociais que permeiam esse cotidiano. Nessa perspectiva, são apresentados, neste trabalho, resultados de um estudo que teve como objetivo investigar o papel da música no processo de construção da identidade sociopolítica e cultural de um jovem rapper da cena hip hop natalense.

Revisão bibliográfica

José Machado Pais (1990) trata da construção da juventude como categoria, que para ele, é preciso considerar não somente as similaridades desse grupo, mas sim as suas diferenças. Nisso cabe pensar como os diferentes grupos e setores em que as juventudes contemporâneas se inserem, colaboram para a construção empírica desse conceito. O autor reflete essas questões e elenca como “*Os Paradoxos da Juventude*” as ações dessas diferentes culturas juvenis, que regem os gostos, comportamentos, crenças, perspectivas do futuro, etc. (MACHADO PAIS, 1990, p. 140-141).

Ainda nessa perspectiva, Esteves e Abramovay (2008) contribuem para o pensamento sociológico das juventudes, corroborando com a noção de que estas são formadas

por distintos grupos juvenis, que constituem um “conjunto heterogêneo, com diferentes parcelas de oportunidades, dificuldades, facilidades e poder nas sociedades” (ESTEVES; ABRAMOVAY, 2008, p. 21). Tê-lo como uma construção social, permite discuti-lo a partir de nuances que a sociedade enfrenta.

Conforme a sociedade passa por mudanças, a categoria juvenil também se move, tendo em vista que se vive em um país que enfrentou duros contextos históricos, econômicos e sociais que influenciaram diretamente na realidade dos jovens brasileiros, que em sua pluralidade, vivenciaram esses períodos de diferentes modos, principalmente considerando as questões de classe, raça, gênero, sexualidade, dentre outras categorias. Groppo (2004) comenta que “na análise social e histórica, é preciso correlacionar a juventude com outras categorias sociais, como classe social, nacionalidade, região, etnia, gênero, religião, condição urbana ou rural, momento histórico, grau de “desenvolvimento” econômico etc.” (GROPPO, 2004, p. 12).

Avançando nessa discussão, Souza e Paiva (2012) tratam das juventudes a partir de suas múltiplas faces, o que permite afirmar a pluralidade que essa categoria carrega. Para elas, a seguinte conceituação pode definir o que seria o jovem:

Não existe uma concepção social única que caracterize e delimite o grupo geracional no qual os jovens estão inseridos, visto que se trata de uma categoria em permanente construção social e histórica. Assim, cabe falar em diferentes juventudes, que possuem a construção da identidade como questão central, mas que se destacam no imaginário social a partir de múltiplas referências da sociedade. (SOUZA, PAIVA, 2012, p. 353-354).

As autoras colocam a construção da identidade como centro da ideia de juventudes, e é nesta perspectiva que se pretende avançar neste estudo. Pois, na formação identitária, o jovem atravessa importantes questões individuais e coletivas - da sociedade - no processo de se encontrar.

De fato, se percebem inúmeras concepções do que seriam as juventudes, que trazem sentidos diferentes, de acordo com os períodos históricos e diferentes opiniões dentro dessa temática. Todavia, há semelhanças nessa conceituação, das quais se destacam a presença de grupos sociais e de relações entre os jovens, as influências desses espaços que fazem parte e principalmente a construção de uma identidade e seu processo na afirmação enquanto sujeito juvenil. Groppo (2010) complementa:

Entre as muitas conclusões advindas destas novas concepções, destaca-se a idéia de que as categorias etárias se tornam cada vez mais «estilos de vida». A juventude torna-se uma parte da vida humana que constitui uma identidade cultural própria, muito mais que uma «fase» passageira (GROPPO, 2010, p. 14).

A educação musical, no que concerne ao conceito de juventudes, apresenta algumas noções, pensadas a partir da sala de aula e de outros espaços formais e não formais de ensino, que auxiliam no entendimento dessa questão geral. Em consonância com o já exposto neste texto de outros campos de estudo, se chega à conclusão de que “a juventude não se constitui por uma identidade universal própria” (PEREIRA, 2021, p. 69).

Na área, a concepção plural da questão juvenil aparece nas discussões, fomentando o perfil dos jovens em sua diversidade. Dessa maneira, foram encontrados alguns trabalhos que discutem as juventudes e música, como dentro da influência das tecnologias e novas mídias (SOUZA e FREITAS, 2014), acerca da formação de grupos e questões de gênero (GREEN, 1997; SILVA, 2002; 2004; 2014), sobre o comportamento e as relações humanas por meio da música (ILARI, 2006; 2007), sobre os gostos musicais e escutas juvenis (SILVA, 2004). Entre estas contribuições, se destaca o mapeamento feito por Arroyo (2009) das produções sobre juventudes e como a temática vinha sendo discutida pela educação musical.

Souza e Freitas (2014) destacam a presença de alguns critérios como “geração, gênero, raça e classe social” (SOUZA; FREITAS, 2014, p. 60) para classificar os jovens. Assim, elas discutem que as juventudes não devem ser tratadas no singular, sobretudo em seus modos de ser e viver, pois “são práticas construídas socialmente e relativas ao tempo e cenário históricos nos quais acontecem” (SOUZA; FREITAS, 2014, p. 59).

No entanto, não foram encontradas, na área de educação musical, outras conceituações acerca das juventudes, e em muitas produções essa temática aparece dentro do contexto da sala de aula, mas com pouco aprofundamento epistemológico. Ainda, há a presença de textos de cunho antropológico dentro da educação musical, mas que não chegam a uma discussão adensada sobre a questão juvenil. Dessa maneira, as discussões na área precisam ampliar os estudos acerca dos jovens e sua relação com a música para que se possa conceber uma relação da educação musical com a ótica das juventudes.

Metodologia

A pesquisa, de abordagem qualitativa, configurou-se como um estudo de caso, que “consiste no estudo profundo e exaustivo de um ou poucos objetos, de maneira que permita seu amplo e detalhado conhecimento [...]” (GIL, 2007, p. 54). O estudo de caso apresenta uma forte tendência descritiva” (FONSECA, 2002, p. 34). A fim de compreender aspectos individuais e sociais do colaborador da pesquisa, o método, por sua dimensão interpretativa (FONSECA, 2002), foi fundamental para o entendimento do contexto em que ele se insere e na discussão dentro do campo da educação musical e da construção de identidades.

Como principal técnica investigativa, foi adotada a entrevista semiestruturada. Triviños (1987) conceitua as entrevistas semiestruturadas como aquela que parte de questionamentos básicos, apoiados em teorias e hipóteses, que interessam à pesquisa. O autor reforça que o instrumento permite o surgimento de novas questões, fruto de novas hipóteses que vão surgindo à medida que se recebem as respostas do informante (TRIVIÑOS, 1987, p. 146). O autor afirma que o participante/entrevistado se torna parte ativa da pesquisa, contribuindo para a sua elaboração e desenvolvimento a partir do momento em que concede o seu relato (TRIVIÑOS, 1987).

Inicialmente, foi elaborado um roteiro de entrevistas com 10 questões vinculadas à temática do estudo. No que concerne à elaboração do roteiro, Resende (2016) comenta que as questões colocadas em um roteiro devem evoluir de um nível mais genérico (Ex: Tem preocupação com a sua alimentação?), para um nível de concretização (Ex: De que forma é que se preocupa?) e, por fim, um nível de exemplificação (Ex: Pode dar-me exemplos concretos da forma como é que leva a cabo essa preocupação?) (RESENDE, 2016, p. 54).

Assim, as questões foram organizadas com base nos seguintes tópicos: a relação com o hip-hop; a sua importância; o papel da música dentro do movimento e para as juventudes; a influência do hip-hop dentro da comunidade/periferia e a relação do entrevistado com seus locais de moradia; a função sociopolítica do hip-hop e os seus desafios atualmente; e finalizando, foi feita uma reflexão sobre como o participante se veria sem o hip-hop.

No que condiz aos cuidados com o processo de coleta do material empírico, a entrevista teve sua gravação em áudio, uma vez que o registro da fala do participante já cumpria o objetivo de compreender o seu relato. A permissão para gravação foi solicitada ao

colaborador, bem como a utilização de seus direitos patrimoniais, por meio do documento formal do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido – TCLE.

No estudo, foi garantido o anonimato ao colaborador. Essa escolha deveu-se à decisão de garantir ao entrevistado a possibilidade de responder às questões de maneira espontânea e segura. Rocha (2021) discute que o cuidado ao realizar pesquisas com o uso de entrevistas e dados do colaborador confere justamente “ao risco que uma dada pesquisa pode gerar aos(às) seus(suas) participantes” (ROCHA, 2021, p. 6). Entretanto, como comentam Boni e Quaresma (2005), deve se atentar, pois em alguns casos “por parte do entrevistado há insegurança em relação ao seu anonimato e por causa disto muitas vezes o entrevistado retém informações importantes” (BONI; QUARESMA, 2005, p. 76). Então, construir a confiança e propiciar um espaço de acolhimento da narrativa trazida tende a contribuir para o êxito desse processo metodológico. Assim, o colaborador do estudo foi chamado de KL.

Resultados e discussão

O colaborador deste estudo foi um jovem negro de 17 anos de idade oriundo do bairro Bom Pastor, periferia localizada na região administrativa oeste de Natal-RN. Atua no movimento hip-hop há cerca de 2 anos, quando passou a escrever suas letras, mas sua relação com ele começa anos antes, quando passa a frequentar a Batalha da Esperança, situada no bairro de Cidade da Esperança, vizinho ao seu. Hoje é um dos organizadores da batalha. Estuda em uma escola da rede pública de ensino localizada também no Bom Pastor, onde cursa o 1º ano do ensino médio e atualmente foi recém eleito presidente do grêmio estudantil. Também trabalha durante meio período, como jovem aprendiz na CBTU - Companhia Brasileira de Trens Urbanos.

O entrevistado relata a sua vivência com o movimento hip-hop partindo de uma perspectiva do início de sua juventude. Ele fala de como se inicia sua relação com o movimento e de que forma se mantém, ressaltando que vem tentando trabalhar profissionalmente com o gênero dentro da cena da cidade.

KL traça uma relação muito próxima e vinculada à comunidade em que reside, trazendo um sentimento de forte pertencimento e defesa deste local. Quando perguntado sobre a conexão e sentido que as periferias onde moram têm para cada um, ele traz uma fala que

externa o desejo de melhorias para o lugar e da falta de um olhar voltado para elas, sobretudo, no que se refere à cultura, como relata:

Eu acho que falta música aqui ainda, falta cultura... bastante. Principalmente por aqui temos um polo muito grande da cultura aqui na praça, que já poderia estar com batalhas aí, shows de artistas locais por aqui. Mas infelizmente, os contratantes, o pessoal que contrata a música, não foca na cultura do próprio bairro, sempre quer as pessoas de fora, de outras cidades, de outros lugares. Então, acho que tá faltando um novo olhar do contratante para trazer a cultura do bairro para amenizar essa criminalidade que existe aqui dentro (KL, 2022).

Ele fala dentro da perspectiva do que é trazido de cultura para dentro das periferias e que o movimento hip-hop não é valorizado, o que reflete para o atual cenário da música na indústria fonográfica brasileira. A falta de apoio da música local é reflexo também do não investimento nos artistas e no que vem sendo produzido na cena, tendo como foco o que está em alta nas mídias e nas paradas de sucesso, a música e o artista do momento.

Apesar de sua forte conexão com o bairro e o sentido que ele tem para a sua atuação no rap, KL comenta sobre a falta de reconhecimento que o estilo tem em sua localidade, sendo um desafio construir essa relação. Ao ser perguntado sobre a relevância que o movimento tem no Bom Pastor, responde:

Não. Infelizmente, o hip-hop não é reconhecido, embora tenha aqueles artistas daqui. Mas se você perguntar, acredito que vão saber mais quem canta outros ritmos, como... esses batidão que estão em bailes, e vão saber quem são esses caras, todos que moram no bairro vão saber. Mas se perguntar *“e quem canta rap aqui? Você sabe?”* No máximo vai falar o nome de uma pessoa porque é amigo, E se for aqui, porque muito... Tem muitos artistas que moram por aqui. Só na minha rua tem eu e mais três ou quatro por aí. Mais pra baixo tem mais cinco e assim vai. Então são grupos e solos que moram aqui, que não são reconhecidos, que precisam ir pra outros bairros para ter a oportunidade de cantar e viver de hip-hop, rap. Precisam ir pra outro bairro pra ter oportunidade de cantar, e mesmo assim nem são pagos. Tira a passagem do bolso, vai pra lá, chega lá, aí dizem *“ah, a festa não foi boa”*, não paga você, Então você vai com o seu dinheiro voltar pra casa, cantou de graça e não tem reconhecimento artístico do seu próprio bairro e nem do bairro de fora (KL, 2022).

A sua fala aponta uma indignação com a falta de reconhecimento do movimento hip-hop dentro da periferia onde reside, que envolve, sobretudo, a busca que ele tem pelo percurso profissional com o rap, como também apresenta um descontentamento, ao passo que, em suas letras se defende e valoriza esse local. Contudo, esse sentimento não se restringe apenas ao

seu local de moradia, mas acontece em outros espaços, que também não consideram os artistas que fazem o hip-hop, desvalorizando o seu trabalho com pouca ou nenhuma remuneração.

Seu contato com o hip-hop se deu na primeira ida à Batalha da Esperança, em meados de 2017-2018, quando recebeu um convite para conhecer o espaço. Tinha por volta de 13 anos de idade e impressiona a sua fala: “não sei... não gostava muito porque nunca tinha visto, né?” (KL, 2022). Para ele, a primeira impressão com o rap não foi positiva, mas que com a rotina - persistência - de passar a frequentar as batalhas e o acolhimento que recebeu, começa a construir uma relação de apego com o local. “E tanto que agora eu sou um dos líderes da batalha” (KL, 2022).

A sua relação com a escrita das letras de rap também decorre da influência da Batalha da Esperança. “Aí foi quando, na pandemia, ali em 2020, muito sem o que fazer, e também com vontade de expressar as coisas que eu sentia. Aí eu resolvi começar a cantar rap, inclusive fez 2 anos semana passada” (KL, 2022). Quando perguntei se havia relação direta com a batalha, ele responde que foi por meio dela que teve apoio e inclusão no espaço e a considera como uma mãe no hip-hop.

Sobre o modo com que se reconhece, ele responde que o KL do dia a dia no trabalho e na escola, difere do KL MC que se apresenta nas rodas de rimas:

Bom, eu acho que o KL que eu apresento na CBTU, na escola, é uma coisa bem diferente do que eu apresento na música, nas batalhas, porque assim... eu levo um lado muito formal comigo, tipo, na minha escola e trabalho eu sou muito formal. Tipo, quero conversar bastante sério com as pessoas. É tanto que a gente senta em roda de conversa, no trabalho, no trabalho a gente fica conversando sobre a vida, sobre o mundo, o que acontece... já nas rodas de rima, nos shows, na música, eu vou para... eu aparento ser mais agressivos do que eu sou. Tipo, o pessoal acha que eu quero meter medo quando passo na rua. Mas eu sou muito de boa... aí a pessoa passa por mim e nem olha na minha cara com medo do que eu falo na música... aí depois conversa comigo e vê que eu não tenho nada a ver com o que é... (KL, 2022).

Percebe-se uma construção de outro sujeito quando se refere a relação de KL com suas letras de rap, é o que ele chama de seu lado obscuro, que é despertado a partir do que escreve. “[...] então eu joga tudo para fora, aí sai num tom um pouco meio agressivo” (KL, 2022). Essa agressividade na escrita pode explicar uma espécie de indignação e inquietação

com questões que o afligem, como relata, a inquietação com preconceitos e questões sistêmicas que estão enraizadas na sociedade.

Dentro dessa discussão, KL comenta que o hip-hop serviu como um meio conscientizador em sua formação, principalmente, dentro dessas questões sociais que assolam a sociedade. Ele cita o machismo:

[...] sobre o machismo... Por que assim, querendo ou não, todo homem tem um lado machista da criação. Então, o hip-hop me fez ver isso também porque comecei a acompanhar várias coisas e ver que boa parte do que eu fazia quando era menor, quando era criança que ainda não tem muita consciência do que fala, estava errado, que poderia afetar futuramente uma pessoa com problemas de pensamentos ruins, essas coisas. Então, eu acho que sobre isso o hip-hop também liberta você do pensamento, do eixo central do mundo, que você tem que fazer isso porque você é homem, que você só pode fazer isso por que você é mulher (KL, 2022).

É interessante como KL fala do hip-hop como libertador dentro de sua formação pessoal, desvencilhando de práticas aprendidas no núcleo familiar ou de amigos, que reforçam determinados preconceitos. Ressalta-se, ainda, a capacidade do movimento de acompanhar as discussões no campo social e trazer tais questões para as letras de rap e o discurso do hip-hop, como exemplo dos Racionais MC's que excluíram canções de cunho machista de seu repertório, por tomarem consciência de que certas letras não cabem mais à atualidade, afirmando que seria necessário mudar de acordo com as transformações da sociedade, relata Edi Rock em uma entrevista¹. Então, se percebe a dedicação do movimento hip-hop para atender às mudanças que a hodiernidade requer, diante das amarras das questões estruturantes que permeiam as relações cotidianas, sendo essa manifestação uma maneira de libertar e abrir o pensamento para outra ótica.

Quando perguntado sobre a relação do hip-hop com a formação sociocultural e política, KL concorda que ambos estão relacionados, e suas falas apontam que, por meio do movimento, atingiu essa consciência/construção formativa. Ao responder a pergunta, KL fala primeiro em uma perspectiva da política eleitoral e partidária, em que o rap pode ser instrumento de posicionamento: “[...] o hip-hop me trouxe um estudo da política bastante bem

¹ Edi Rock explica o motivo da retirada de músicas do repertório dos Racionais MC's nos shows trazendo uma reflexão para o machismo em suas letras. Disponível em: <https://gshow.globo.com/programas/conversa-com-bial/noticia/edi-rock-explica-por-que-cortaram-musicas-machistas-da-turme-dos-30-anos-dos-rationais-mcs.ghtml>. Acesso em: 03 de abr. de 2022.

maior do que eu estudava antes, porque antes eu nem ligava. “*Minha família vai votar nele, eu vou votar nele*” (KL, 2022).

Mas também reflete para o potencial que o rap tem nessa conscientização a partir de quem o escuta.

Tem! Porque no hip-hop eu posso expressar meu lado político, como a gente já faz bastante, porque assim... Eu acho que não só eu, como outros artistas também aproveitam o espaço que tem no rap, o livre arbítrio de usar aquelas letras para dizer o que realmente está acontecendo. Tem muita gente que escuta, vê o que tem nas letras, mas não quer entender aquilo. E aquele som tocando no seu ouvido diariamente, várias vezes, você vai entender que aquele cara está errado, que aquele está certo, que precisa ser mudado isso e aquilo. Então, acho que tem muito a ver um com o outro (KL, 2022).

A poética do rap carrega esse poder de denunciar e colocar determinadas questões em evidência, que cada rapper traz em suas letras, de acordo com suas vivências e subjetividades. A necessidade que KL encontra é de migrar suas letras para uma perspectiva sociopolítica ainda mais presente, sendo a sua música um meio de conscientização das pessoas. Gonçalves (2013) fala do *rap engajado* e discute o compromisso que o movimento hip-hop assume ao engajar-se politicamente e ativamente. Nesse sentido, ela ressalta que os rappers encontram esse espaço para expressarem seus sentimentos e inquietações.

Eles descobriram nesse estilo musical e estético um modo inventivo para expressar e disseminar suas ideias e sentimentos: na escrita rap são percebidos mais facilmente a apropriação dos elementos da cultura local. A crítica e denúncia social é o elemento ‘condutor’ do ‘movimento hip-hop’ que, para além da produção artística e cultural, ele é comprometido com o engajamento ‘político’. Essa dimensão crítica, de engajamento e de ativismo social é um traço marcante do ‘movimento hip-hop’ [...] (GONÇALVES, 2013, p. 135).

A vivência de KL se assemelha à concepção que a autora traz, pois sua construção dentro do movimento lhe permitiu a tomada de uma nova postura e modo de estar no mundo. Nesse sentido, ele também reflete sobre a diferença do hip-hop em detrimento de outros gêneros que também se propagam dentro das periferias. Perguntei a KL qual a relação que ele via entre o rap e o funk, visto que são duas expressões surgidas dentro das comunidades. Ele responde:

Sim, porque querendo ou não os dois vem de periferia, traz a realidade. O Funk em si ainda foge um pouco da visão da periferia porque quer trazer a ostentação para além da favela, quer trazer um olhar mais vivido de boniteza para as favelas, só que vemos que não têm. Então o hip-hop vem com aquela

parte de que traz tudo de... não de mal, de realidade da favela e traz para o centro... o centro da mídia. Aí, na mistura do trap com o funk. Então dá um olhar maior ainda na periferia sobre isso (KL, 2022).

Os dois gêneros são oriundos das periferias, mas o que KL relata diz respeito às mudanças no percurso musical e histórico destes. Hoje, as razões pelas quais determinadas vertentes do funk estão alinhadas a um discurso de ostentação, sexualização, crime, etc., podem se relacionar com demandas da indústria fonográfica. Algumas vertentes do funk, ao mesmo tempo que apresentam a periferia e seus dilemas, atendem também a padrões demandados pelo mercado, perdendo, muitas vezes, o seu potencial crítico. Em contrapartida, o hip-hop parece se manter firme na problematização do que envolve o cotidiano das periferias dos grandes centros urbanos. O movimento traz um olhar questionador e político como base, denunciando o que mantém ou agrava condições de vida da população periférica e valorizando o dia a dia nas comunidades ao mostrar um lado que é esquecido e apagado pela mídia e por preconceitos e estigmas.

Quando perguntado quem seria KL sem o hip-hop, ele retoma a sua fala inicial do movimento como um agente de mudança de sua realidade, principalmente, no que condiz à sua formação humana, cultural e política. Ele responde:

Acho que, como eu falei no início, eu acho que nem na escola eu estaria, nem trabalhando, eu estaria, digamos, igual ao pessoal que fica no meio do mundo, bagunçando, procurando algo para me distrair, só que não algo certo. Eu estaria fazendo, acho, tumultos na rua, não estaria estudando como realmente estudo agora, não voltaria ao trabalho, acho que nem emprego eu teria... estaria vegetando lá em casa, não teria o que fazer (KL, 2022).

Ele enfatiza: “acho que eu estaria num estado vegetativo bem grande, se eu não tivesse o hip-hop minha vida” (KL, 2022). O hip-hop, de certa forma, atribuiu sentido para KL, que conta como ele foi importante para o ajudar a enfrentar a depressão: “a melhor parte do hip-hop foi ter vencido isso” (KL, 2022). E toma como foco que acompanhou seu processo de superação, o auxiliando a continuar com seu objetivo: “Então, escrevi várias músicas boas, e veio mais reconhecimento para mim, porque quando tudo isso aconteceu, eu não tinha feito nenhum show ainda e só nesse mês apareceram quatro ou cinco shows pra fazer” (KL, 2022).

Dessa maneira, seu relato apresenta a importância que o hip-hop pode ter como construtor de trajetórias e que envolve identidades juvenis, lhes dando um caminho a se seguir

e experimentar.

Considerações

Os resultados evidenciam uma forte inter-relação entre o engajamento do colaborador com o hip-hop e sua formação sociopolítica e cultural, indicando uma indissociabilidade entre a formação musical no âmbito desse movimento e outros aspectos da formação geral do colaborador. É esperado que este estudo contribua com a produção de conhecimento sobre hip-hop no âmbito da música, bem como com políticas institucionais que contemplem esse movimento em contextos formais de ensino de música.

O ensino de música para as juventudes têm o papel de envolvê-las em sua dimensão pedagógico-musical ao acolher o que o jovem traz para a sala de aula, mas sem se distanciar do parâmetro formativo e curricular que a música precisa cumprir nas escolas. Assim, conectar a educação musical com a realidade dos alunos compreende ir além do que o padrão de currículo prevê para a educação básica, mas também apresentar ao aluno as suas bases empíricas, pois, “o relacionamento com a música na escola não poderá ser o mesmo que ocorre nas vidas cotidianas” (PEREIRA, 2021, p. 82).

Os caminhos metodológicos adotados durante a pesquisa se desenvolveram a partir do que KL trouxe como contribuição, sendo ele jovem, com apenas 17 anos, que busca uma trajetória profissional com o rap que o impulsiona a colocar-se no mundo por meio de suas letras. A sua conexão com a comunidade se evidenciou a partir do movimento hip hop, sendo um grande defensor, lutando por melhorias para ela. A cultura, para ele, é um dos principais agentes de transformação da realidade juvenil de seu bairro, e destaca que essa mudança pode vir por meio do hip-hop.

O movimento hip-hop fora do espaço da escola também cumpre um papel formativo dos jovens, mas acompanhado de sua abrangência sócio-cultural e política. A voz das ruas também ensina e exemplo disto está presente neste estudo a partir do relato do colaborador abordado neste texto. Portanto, considerar outros contextos de formação em música que não são contemplados pela literatura torna-se preciso quando se atenta para algumas faltas da educação musical no avanço das discussões à medida que muitas outras questões se incorporam na área.

Compreendendo a discussão extraída deste estudo, o ensino de música pode ir além de suas propostas mais tradicionais e abarcar além daquilo que está previsto em legislação. Essa mudança pode se orientar pela literatura acadêmico-científica, considerando as demandas da formação e atuação docente, e auxiliando instituições e educadores na reformulação de currículos, com vistas à inclusão de fazeres musicais diversos em sala de aula. Trata-se de uma proposta que pressupõe um movimento do professor, em seu fazer docente, a partir de provocações oriundas da cultura periférica e de estudos sobre ela.

Referências

ABRAMO, Helena Wendel. O uso das noções de adolescência e juventude no contexto brasileiro. In: FREITAS, Maria Virgínia (Org.). *Juventude e adolescência no Brasil: referências conceituais*. São Paulo: Ação Educativa, 2005. p. 19-35.

ALENCAR, Mônica Maria Torres de. (2008). Transformações econômicas e sociais no Brasil dos anos 1990 e seu impacto no âmbito da família. In SALES, M. A.; MATOS, M.C; Leal, M.C. (Orgs.). **Política social, família e juventude: uma questão de direitos**. 3 ed. São Paulo: Cortez, 2008. p. 61-78.

ANUÁRIO NATAL 2021. Prefeitura do Natal. Secretaria Municipal de Meio Ambiente e Urbanismo - SEMURB. Natal, RN. 2021. Disponível em: <https://www.natal.rn.gov.br/news/post/34721>. Acesso em: 22 de maio de 2022.

ARAÚJO, Maria Joyce Oliveira de. O direito à cidade na perspectiva da Batalha da Esperança: a voz subalterna do rap. 2019. 51f. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação) - Gestão de Políticas Públicas, Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, 2019.

BARROS, C. (2015, 23 de julho). A formação da barbárie e a barbárie da formação: A lógica por trás do treinamento da PM [Mensagem de blog]. Disponível em: <https://blogdaboitempo.com.br/2015/07/23/a-formacao-da-barbarie-e-a-barbarie-da-formacao-a-logica-por-tras-do-treinamento-da-pm/>.

BRASIL. **Lei nº 12.852, de 5 de agosto de 2013**. Estatuto da Juventude. Brasília: Diário Oficial da União, 2013.

BONI, V.; QUARESMA, S. J. Aprendendo a entrevistar: como fazer entrevistas em Ciências Sociais. Em Tese, v. 2, n. 1, p. 68-80, 2005. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/emtese/article/download/18027/16976/56348> . Acesso em: 22/05/2022.

CARENHO, Aline Costa. **Arte, educação musical e formação cultural no contexto das organizações sociais: a práxis cultural e suas contradições à luz da Teoria Crítica**. 2019.

239 f. Dissertação (Mestrado - Programa de Pós Graduação em Neurociências e Comportamento) - Instituto de Psicologia, Universidade de São Paulo, 2019.

CASSAB, Clarice. Contribuição à construção das categorias jovem e juventude: uma introdução. *Revista de história, Juiz de Fora*, v. 17, n. 2, p. 145-159, 2011. Disponível em: <<http://www.ufjf.br/nugea/files/2010/09/Locus.pdf>>. Acesso em: 18 abr. 2022.

COSTA, Jesus de Nazaré de Lima da; ROSÁRIO, Maria José Aviz do. Juventude e Classe. **Revista Programa Conexões / UFPA On-line**. – Vol. 3, Belém/ PA, 2018. Disponível em: <https://periodicos.ufpa.br/index.php/conexoesdesaberes/article/view/7885> . Acesso em: 11 de abr. de 2022.

ESTEVES, Luiz Carlos Gil; ABRAMOVAY, Miriam. Juventude, Juventudes: pelos outros e por elas mesmas. In. VI CONGRESSO PORTUGUÊS DE SOCIOLOGIA, 254, 2008, Lisboa. Anais... Lisboa, 2008. Disponível em: <<http://www.aps.pt/vicongresso/pdfs/254.pdf>>. Acesso em: 18 abr. 2022.

FONSECA, J. J. S. Metodologia da pesquisa científica. Fortaleza: UEC, 2002. Apostila.

FREITAS, Pedro Henrique Oliveira de. Violência no município de Natal/RN em 2019 e 2020: uma abordagem espacial e demográfica sobre as mortes violentas com foco nos efeitos decorrentes da pandemia da COVID-19. 127 f. Dissertação (Mestrado em Demografia) - Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Centro de Ciência Exatas da Terra, Departamento de Ciências Atuariais, Programa de Pós-Graduação em Demografia. Natal, 2021.

GIL, A. C. Como elaborar projetos de pesquisa. 4. ed. São Paulo: Atlas, 2007.

GONÇALVES, Julimar da Silva. Poéticas do rap engajado e juventudes nas periferias urbanas de Natal-RN. 2013. 200 f. Tese (Doutorado) – Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes, Programa de Pós Graduação em Ciências Sociais. Natal, 2013.

GOHN, Maria da Glória. Movimentos sociais na contemporaneidade. **Revista Brasileira de Educação**, v. 16, n. 47, p. 333-361, 2011.

GREEN, Lucy. Pesquisa em sociologia da educação musical. Trad. Oscar Dourado. In: *Revista da ABEM, Salvador*, n.4, p. 25-35, 1997. Disponível em: <<http://www.abemeducaomusical.org.br/Masters/revista4/artigoII.pdf>> Acesso em: 15 de maio de 2022.

GROPPO, Luís Antonio. Dialética das juventudes modernas e contemporâneas. *Educação Cogeime, Belo Horizonte*, ano 13, n. 25, 2004. Disponível em: <<http://www.cogeime.org.br/revista/cap0125.pdf>>. Acesso em: 18 abr. 2022.

GUAZI, Taísa Scarpin. Diretrizes para o uso de entrevistas semiestruturadas em investigações científicas. **Revista Educação, Pesquisa e Inclusão**, v. 2, p. 1-20, 2021. Disponível em: <https://revista.ufrn.br/revista/article/view/e202114> . Acesso em: 19 de maio de 2022.

IBGE – INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. Censo Brasileiro de 2010. Rio de Janeiro: IBGE, 2012.

ILARI, Beatriz. Música, identidade e relações humanas em um país mestiço: implicações para a educação musical na América Latina. *Revista da ABEM*, Porto Alegre, V. 18, 35-44, out. 2007.

ILARI, Beatriz. Música, comportamento social e relações interpessoais. *Psicologia em Estudo*, v. 11, n. 1, p. 191-198, abril, 2006. Disponível em: <<https://doi.org/10.1590/S1413-73722006000100022>> . Acesso em: 02 de maio de 2022.

INSTITUTO DE PESQUISA ECONÔMICA APLICADA; FÓRUM BRASILEIRO DE SEGURANÇA PÚBLICA; INSTITUTO JONES DOS SANTOS NEVES (Orgs.). **Atlas da violência 2021**. São Paulo; Espírito Santo; Rio de Janeiro: IPEA; FBSP; IJSN 2021.

KATER, Carlos. O que podemos esperar da educação musical em projetos de ação social. **Revista da ABEM**, Porto Alegre, N°10, p. 44-51, mar. 2004.

MACHADO PAIS, José. A construção sociológica da juventude: alguns contributos. *Análise Social*, Lisboa, v. 15, p. 105-106, 1990. Disponível em: <<http://analisesocial.ics.ul.pt/documentos/1223033657F3sBS8rp1Yj72MI3.pdf>>. Acesso em: 18 abr. 2022.

MARICATO, Ermínia. Favelas – um universo gigantesco e desconhecido. São Paulo, 2001. Disponível em: < http://fau.usp.br/deprojeto/labhab/biblioteca/textos/maricato_favelas.pdf>. Acesso em: 06 abr. 2022.

MARICATO, Ermínia. Globalização e política urbana na periferia do capitalismo. **Territórios**, 18-19. Bogotá, p. 183-205, 2008.

MELO, Lucas Vinícius Diniz de. **MÚSICA E SOCIEDADE DE PERIFERIA: contextualizando a Comunidade Cidade da Esperança** 2019. 39 p. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação). Escola de Música. Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, 2019.

MOASSAB, Andreia. Brasil periferia(s): a comunicação insurgente do Hip-Hop. 2008. 295 f. Tese (Doutorado em Comunicação) - Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2008.

MORAIS, Tamms Maria da Conceição. As periferias de Natal/RN à luz de uma análise das políticas redistributivas de habitação e mobilidade urbana. A: International Conference Virtual City and Territory. "8º Congresso Internacional Ciudad y Territorio Virtual, Río de Janeiro, 10, 11 y 12 Octubre 2012". Rio de Janeiro: UFRJ, 2012.

MÜLLER, Vânia Beatriz. Ações sociais em educação musical: com que ética, para qual mundo? **Revista da ABEM**. Porto Alegre, N°10, 53-58, mar. 2004.

NATAL. Prefeitura do Natal. Secretaria Municipal de Meio Ambiente e Urbanismo. Natal: meu bairro, minha cidade. Natal: SEMURB, 2009.

OBSERVATÓRIO DA VIOLÊNCIA DO RIO GRANDE DO NORTE - OBVIO. **Letalidade e Vitimização Policial 2015-2019**. OBVIUM, ed. especial n° 18, ano 4. 115p. Natal, 2020. Disponível em: <https://issuu.com/obvium> . Acesso em: 22 de maio de 2022.

OBSERVATÓRIO DA VIOLÊNCIA DO RIO GRANDE DO NORTE - OBVIO. **Mortandade da Juventude Potiguar 2015-2019**. OBVIUM, ed. especial n° 17, ano 4, 64p. Natal, 2020. Disponível em: <https://issuu.com/obvium> . Acesso em: 22 de maio de 2022.

OLIVEIRA, A. “Quanto vale o show?”: Racionais MC’s e os dilemas do rap brasileiro contemporâneo. *Música Popular em Revista*, Campinas, ano 5, v. 1, p. 113-37, jul.-dez. 2017. Disponível em: <https://econtents.bc.unicamp.br/inpec/index.php/muspop/article/view/13128>. Acesso em: 26 de maio de 2022.

PEREIRA, Marcus Vinícius Medeiros Pereira. Ouvir os sons da(s) juventude(s). NASCIMENTO, Marco Antonio Toledo; STERVINO, Adeline Anelyse Marie. *In: Educação musical e juventude(s) na contemporaneidade*. Sobral: Sobral Gráfica e Editora, 2021. p. 65-86.

QUEIROZ, Luis Ricardo Silva. Educação musical é cultura: nuances para interpretar e (re)pensar a práxis educativo-musical no século XXI. **DEBATES | UNIRIO**, n. 18, p.163-191, maio, 2017.

RACIONAIS MC’S. Periferia é periferia. São Paulo: Cosa Nostra Fonográfica, 1997. CD (05min59”).

RESENDE, Rui. Técnica de investigação qualitativa: ETCI. **Journal of Sport Pedagogy and Research**, n° 2 (1), p. 50-57, 2016.

ROCHA, Virginia. Da teoria à análise: Uma introdução ao uso de entrevistas individuais semiestruturadas na ciência política. **Revista Política Hoje**, abr. 2021. Disponível em: <<https://periodicos.ufpe.br/revistas/politicohoje/article/view/247229>>. Acesso em: 22 maio de 2022.

SABOTAGE, Um bom lugar. São Paulo: Cosa Nostra Fonográfica, 2000. CD (5min04”).

SANTOS, Regina Célia Bega dos. Os movimentos sociais urbanos: questões conceituais relacionadas à práxis. Instituto de Geociências: Departamento de Geografia. Programa de pós-graduação - Unicamp'. Encontro de Geógrafos de América Latina, 2009. Disponível em:

<http://egal2009.easyplanners.info/area02/2207_Bega_dos_Santos_Regina_Celia.pdf>.
Acesso em 07/05/22

SILVA, Helena Lopes da. Declarando preferências musicais no espaço escolar: reflexões acerca da construção da identidade de gênero na aula de música. Revista da ABEM, v. 12, n. 11, 2004. Disponível em: <<http://www.abemeducacaomusical.com.br/revistas/revistaabem/index.php/revistaabem/article/view/350>>. Acesso em: 11 de maio de 2022.

SILVA, Helena Lopes da. Mediando as escutas musicais dos jovens: uma proposta para a educação musical na escola regular. **Revista Reflexão e Ação**, Santa Cruz do Sul, v. 22, n. 1, p. 122-147, jan./jun. 2014. Disponível em: <https://online.unisc.br/seer/index.php/reflex/index>. Acesso em: 12 de março de 2022.

SILVA, Helena Lopes da. Música no espaço escolar e a construção da identidade de gênero: um estudo de caso. **OPUS**, v.8, p. 74-85, fev. 2002. Disponível em: <<https://www.anppom.com.br/revista/index.php/opus/article/view/140>>. Acesso em: 12 de março de 2022.

SILVA, Jenair Alves. Política Pública de Juventude no Rio Grande do Norte e a incidência política dos movimentos sociais juvenis no período 2006-2014. 2015. 117 f - (Dissertação de mestrado) - Universidade Federal do Rio Grande do Norte, 2015.

SILVA, Wesley Garcia Ribeiro. Cartografia dos tempos urbanos: representações, cultura e poder na cidade do Natal (década de 1960) 202 p - (Coleção Dissertações e Teses do CCHLA-UFRN) - Natal: EDUFRN, 2011.

SIMIONATTO, Ivete. Classes subalternas, lutas de classe e hegemonia: uma abordagem gramsciana. **Rev. Katál**. Florianópolis, v. 12 n. 1 p. 41-49, jan./jun. 2009. Disponível em: <http://www.cressrn.org.br/files/arquivos/21g3uGb09v00M05742W1.pdf>. Acesso em: 01 mai. 2022.

SÍNTESE de indicadores sociais 2019: uma análise das condições de vida da população brasileira. Rio de Janeiro: IBGE, 2019. 130 p. Coordenação de População e Indicadores Sociais. (Estudos e pesquisas. Informação demográfica e socioeconômica, n. 40) Disponível em: <https://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/livros/liv101678.pdf>. Acesso em: 29 de abr. de 2022.

SOUZA, Cândida de; PAIVA, Ilana Lemos de. Faces da juventude brasileira: entre o ideal e o real. Estudos de Psicologia, 17(3), set-dez, 2012.

SOUZA, J.; FIALHO, V.M.; ARALDI, J. hip-hop: da rua para a escola. Porto Alegre: Sulina, 3 ed. 2008.

SOUZA, Jusamara; FREITAS, Maria de Fátima Quintal de. Práticas musicais de jovens e vida cotidiana: socialização e identidades em movimento. **Música em Perspectiva**. Curitiba/PR, v.

7 n.1, junho de 2014. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.5380/mp.v7i1.38133> . Acesso em: 24 abr. 2022.

TANAKA, Giselle Megumi Martino. Periferia: conceito, práticas e discursos; práticas sociais e processos urbanos na metrópole de São Paulo. 2006. Dissertação de Mestrado - Universidade de São Paulo (USP). Faculdade de Arquitetura e Urbanismo (FAU/SBI), São Paulo.

TROTTA, F. C. O funk no Brasil contemporâneo: uma música que incomoda. **Latin American Research Review**, Pittsburgh, v.51, n.4, p.86-101, 2016. Disponível em: <http://www.jstor.org/stable/44985919> . Acesso em: 28 de abr. de 2022.

TRIVIÑOS, Augusto Nivaldo Silva. Introdução à pesquisa em ciências sociais: a pesquisa qualitativa em educação. São Paulo: Atlas, 1987.

UNICEF. Cenário da Exclusão Escolar no Brasil: um alerta sobre os impactos da pandemia da covid-19 na Educação. abril, 2021. Disponível em: <https://www.unicef.org/brazil/relatorios/cenario-da-exclusao-escolar-no-brasil> . Acesso em: 24 de abril de 2022.

VALLE, Luna Pinheiro. Rede Juventude Viva do RN: enfrentamento ao genocídio da juventude. 2017. 148 f - (Dissertação de mestrado) - Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes. Programa de Pós-Graduação em Psicologia, 2017.

VILLAÇA, Flávio. São Paulo: segregação urbana e desigualdade. **Estudos Avançados**, 25(71), 37-58, 2011. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/eav/article/view/10597> . Acesso em: 29 de abril de 2022.

WEILAND, Renate Lizana. Relações entre projetos comunitários e música na perspectiva de profissionais da área musical em Curitiba. Algumas contribuições da psicologia social comunitária e da educação. 2010. 112f - Tese (Doutorado em Educação) - Setor de Educação, Universidade Federal do Paraná. Curitiba, 2010.



ANPPOM
Associação Nacional de Pesquisa e
Pós-Graduação em Música

**XXXII CONGRESSO
DA ANPPOM**
Natal, 17 a 21 de outubro de 2022



ANPPOM
Associação Nacional de Pesquisa e
Pós-Graduação em Música



**Escola de Música
da UFRN**